

DA CRIAÇÃO AO PRODUTO ACABADO: O PERCURSO DO *DIARY OF ADAM AND EVE DE MARK TWAIN*

Hanna Betina Götz ¹

Resumo

Em biografias, paratextos e documentos do *posthumous box* de Mark Twain - dossiê genético disponibilizado ao público apenas em 1995 - encontramos "pistas" que nos permitem entender mais acerca do processo criativo e do percurso trilhado pelo *Diary of Adam and Eve*. Descobrimos que pelo menos três décadas antes de escrever esse diário, Mark Twain se interessava pela astronomia e entretinha ideias sobre a criação do mundo e a pequenez do homem em relação ao universo. Twain desejava reescrever as histórias do Pentateuco dando voz própria aos primeiros habitantes da Terra. A comparação entre algumas versões disponíveis no mercado e o manuscrito encontrado no *posthumous box*, verificamos que o diário, publicado em 1906, sofreu várias modificações ao longo dos anos e portanto não pode ser considerado um produto acabado.

Palavras-chave: *Diário de Adão e Eva*. Dossiê genético. Manuscrito. Produto acabado. Publicação.

Abstract

In biographies, paratexts and documents from Mark Twain's posthumous box - genetic dossier available to the public only after 1995 - we can find "clues" that allow us to understand more about the creative process and the paths followed by *Diary of Adam and Eve*. Documents reveal that at least three decades before writing this diary, Mark Twain was became interested in astronomy and entertained ideas about the creation of the world, the insignificance of man in relation to the universe. Twain wanted to rewrite the stories of the Pentateuch by giving voice to the first inhabitants of Earth. The comparison between some versions available in the market today and the manuscript found in the posthumous box, enabled us to verify that the

¹ Bolsista REUNI e mestranda do programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, sob orientação do Prof. Dr. Sergio Romanelli, Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. hannagotz@yahoo.com.br

Diary, published in 1906, has undergone many changes over the years and therefore cannot be considered a finished product.

Keywords: *Diary of Adam and Eve*; posthumous box; manuscript; final product; publication.

Introdução - Twain sob o olhar da crítica genética

A crítica genética, segundo de Biasi, permite que examinemos uma obra literária - seja ela do autor, do gênero e da época que for - sob um espectro mais amplo, como fruto de uma

[...] elaboração progressiva, de uma transformação que se traduziu num período produtivo, em cujo decorrer o autor se dedicou, por exemplo, à *pesquisa de documentos ou de informações*, à preparação, seguida da redação, de seu texto, a diversos trabalhos de correções, etc. A *crítica genética tem por objeto essa dimensão temporal do texto em estado nascente, e parte da hipótese de que a obra tem em sua eventual perfeição final, não deixa de ser o efeito de sua própria gênese*. Mas para poder tornar-se objeto de um estudo, esta gênese da obra deve, evidentemente, ter deixado "pistas". São estas pistas materiais que a genética textual se propõe a encontrar e a elucidar (de BIASI apud BERGEZ ET AL, 1997, p.1). (grifo nosso)

Assim, a partir do rastreamento de pistas deixadas pelo próprio Mark Twain, o objetivo desse artigo é lançar sobre essa "pequena grande obra" - *Diary of Adam and Eve* - um novo olhar. Não mais o olhar de quem aprecia ou critica uma obra literária como ela se nos apresenta nas estantes de bibliotecas e livrarias, ou seja, como um produto acabado, independente do seu autor, sem relação com outras obras e com seu percurso e contexto histórico, mas como parte de um todo muito maior, quer dizer, como parte de um polissistema.² Isso só é possível porque Twain, há mais de cem anos, deixou para trás, para a posteridade, um *posthumous box*, - um dossiê genético - um baú de "remanescentes literários" que Quirk qualifica como

[...] the largest cache of personal papers created by a nineteenth-century American author – letters, notebooks, a massive autobiography, hundreds of unpublished literary manuscripts, seventy thousand incoming letters, photographs, bills, checks, contracts, and other business documents (easily half a million pages (2009, p. viii).

² Partindo da noção de sistema de Yuri Tynjanov (1929), Even-Zohar (1990) concebe um *sistema* como uma estrutura formada por várias camadas de elementos que se relacionam e interagem entre si dentro de um polissistema. O prefixo *poli* indica que um sistema existe dentro de uma rede maior, de múltiplos sistemas que coexistem, ou de um grande sistema que é composto por vários sistemas, ou subsistemas, que se relaciona com outros sistemas.

Esse ato, de paulatinamente ir guardando em uma caixa póstuma toda sorte de documentos de natureza literária e pessoal, de certa forma nos permite concluir que Twain tenha antecipado e compreendido, talvez inconscientemente, o que de Biasi afirma sobre a natureza e o contexto do processo de criação:

[...] ao lado do texto, e antes dele, pode de fato existir um conjunto mais ou menos desenvolvido de 'documentos de redação', produzidos, reunidos, às vezes conservados pelo autor: o que normalmente se chama 'manuscritos da obra' [...] cada dossiê de manuscritos, com suas características, conta uma história singular e com frequência surpreendente: a história do que se passou entre o momento em que o autor entreteve a primeira ideia de seu projeto e o momento em que o texto escrito, aparece na forma de um livro impresso. (Apud BERGEZ ET AL, 1997, p. 1-2).

Twain e o seu legado póstumo

Dentre os tantos documentos encontrados nessa caixa póstuma, alguns são especialmente pertinentes para entendermos o percurso específico, ou a história do *Diary of Adam and Eve* desde sua concepção até o momento em que chega às nossas escrivatinhas. Como eu mesma não tive o privilégio de vasculhar essa "caixa preta", limito-me, neste artigo, a fazer um estudo de crítica genética indireto, de "segunda mão", que pensa o processo de criação sem necessariamente apoiar-se diretamente em manuscritos. Defendido por Philippe Willemart, esse segundo tipo de crítica genética busca recompor o processo de escritura por meio das "relações entre textos que [podem] dar conta de um movimento escritural".³ Assim, a partir de informações reveladas por Howard Baetzhöld e Joseph McCullouch, que tiveram acesso ao *posthumous box*, por Robert Hirst⁴ e por Tom Quirk,⁵ o que eu faço é juntar, daqui e dali, peças que ajudam a montar o "quebra-cabeça" que nos proporciona uma imagem mais ampla e complexa do processo de criação e publicação do *Diary of Adam and Eve*.

Digo quebra-cabeça porque o *Diary* (produzido no final da vida, apenas quatro anos de sua morte em 1910) destoa de tudo que Mark Twain jamais havia produzido. Ele ficou conhecido, principalmente na sua primeira fase literária, como sendo um escritor regionalista, como romancista, principalmente pelos livros de

³ No capítulo terceiro de *Escrever sobre Escrever*, especialmente às páginas 102 e 103, os autores Cláudia Amigo Pino e Roberto Zular apresentam o argumento levantado por Philippe Willemart, de que há duas possibilidades de se fazer crítica genética, uma que utiliza manuscritos e outra, que sem o apoio ou o acesso a eles, reconstrói o movimento escritural.

⁴ Hirst também compila obras inéditas de Twain na obra *Who is Mark Twain by Mark Twain*.

⁵ Quirk publica a obra *Mark Twain, tales, speeches, essays and sketches*, onde material de gêneros diferentes das histórias e romances são compilados e organizados.

aventuras e pelas dezenas de contos, em geral de cunho humorístico ou satírico. A segunda e final fase, bem diferente da primeira, é caracterizada principalmente por ensaios e contos de temática determinista, filosófica e religiosa. Essa mudança de enfoque tem sua justificativa em documentos que Baetzhold e McCullouch descobrem no *posthumous box*. Esses autores descobrem que ao longo da vida Mark Twain nutria outras vertentes literárias, até então desconhecidas da crítica e do público em geral: ele desejava, primeiro, "[...] rewrite and supplement the biblical account of creation and its aftermath from the point of view of the characters involved" e, segundo, "revise the traditional portrait of heaven and the afterlife" (1996, p. xvi). Baetzhold e McCullouch puderam chegar a esta conclusão porque encontraram no baú de refugos literários inúmeros manuscritos de teor bíblico, nos quais reinventa as histórias narradas no Pentateuco - os primeiros cinco livros do Velho Testamento- do ponto de vista dos próprios personagens, com pitadas de humor e sarcasmo típicos de Mark Twain. Essa descoberta, de quebra, também explica por que Mark Twain, no final da vida, recorre ao gênero do diário e da autobiografia. Para tornar esses personagens míticos em personagens de carne e osso, mais reais, com voz própria, nada mais apropriado do que os fictícios "diário" e a "autobiografia". "*That Day In Eden*," "*Eve Speaks*," "*Adam's Soliloquy*," a "*Autobiography of Eve*" e "*Passages from Satan's Diary*", "*Adam's expulsion*", "*Noah's Ark*", "*Methuselah's Diary*", "*The devil's gate*", e "*Conversations with Satan*" são algumas das histórias encontradas no *posthumous box* escritas em um desses gêneros.

O *posthumous box*, além de nos revelar as pistas acima, também desvelou o fato de que Twain tinha verdadeiro fascínio pela astronomia, pela criação do universo, seus primeiros habitantes e sobre a insignificância do ser humano diante da imensidão do mundo. Isso fica patente na carta que Twain escreve à esposa Olivia Langdon, já em 1870. Na carta descobrimos que muito antes de vir a escrever textos de teor bíblico ele já entretinha, e cultivava, mesmo que de forma latente, ideias sobre os assuntos que três décadas mais tarde aproveitaria em diários, autobiografias e contos bíblicos:

I have been reading some new arguments to prove that the world is very old & that the six days of creation were immensely long periods. For instance, according to genesis, the stars were made when the world was, yet this writer mentions the significant fact that there are stars within reach of our telescopes whose light requires 50,000 years to traverse the wastes of

space & come to our earth. And so, if we made a tour through spaces ourselves, might we not, in some remote era of the future, meet & greet the first lagging rays of stars that started on their weary visit to us a million years ago? [...] How insignificant we are, with our pigmy little world! – an atom glinting with uncounted myriads of other atom worlds in a broad shaft of knight streaming from God's countenance - & yet prating complacently of our speck as the Great World... Did Christ live 33 years in each of the millions & millions of worlds that hold their majestic courses above our heads? Or was our small globe the favored one of all? [...] "Great is God, who created all things for Us? I do not see how astronomers can help feeling exquisitely insignificant, for every new page in the Book of the Heavens they open reveals to them more & more that the world we are so proud of is to the universe of careening globes as is one mosquito to the winged & hoofed flocks & herds that darken the air & populate the plains & forests of all the earth. If you killed the mosquito would it be missed? Verily, What is man, that he should be considered of God? (BAETZOLD e MCCULLOGH, 1995, p. xvi-xvi)

O conteúdo dessa carta também elucida e corrobora o que o biógrafo de Twain, Albert Bigelow Paine, afirmara nos idos de 1930, quando lança a biografia *The Boy's life of Mark Twain*: "His dinner-table was likely to be political, scientific, and philosophic. He often discussed aspects of astronomy, which was a passion with him" (PAINE, 1944, p. 330).

Juntando esta peça do quebra-cabeça com algumas apresentadas a seguir, levanto a hipótese de que Mark Twain, mais que um diletante, era um verdadeiro aficionado por Adão. Duas informações relatadas por Baetzhold e McCulloch (1995) apontam para isso. A primeira é de caráter quase anedótico, mas nem por isso menos plausível, conhecendo-se um pouco sua mente mirabolante e suas elucubrações. Esses autores afirmam que em 1879, na casa dos familiares de sua esposa Olívia, em Elmira, Nova Iorque, Mark Twain teria proposto a ideia de erigirem uma estátua de Adão no centro dessa mesma cidade, por tratar-se do "[...] Father of the Human Race, who certainly was worthy of being honored" (1995, p. 4). Esse delírio, que surgiu, primeiramente, em tom de brincadeira, ganhou força a ponto de Mark Twain vir a redigir uma petição ao Congresso americano para conceder à cidade de Elmira a permissão para construir um monumento para Adão. Mas o senador General Joseph Hawley, amigo pessoal de Mark Twain, que encaminharia a petição ao Congresso, num lampejo de sobriedade, preferiu não encaminhá-lo.

A outra peça do quebra-cabeça que atesta à obsessão de Twain por Adão nos vem de um discurso proferido pelo próprio Twain por ocasião de um jantar realizado na *Royal Literary and Scientific Dinner*, em maio de 1883, em Ottawa, com o título "*On Adam*". Ele começa o seu discurso dizendo que gostaria de fazer um

brinde diferente, não às costumeiras figuras importantes da história ou da política, que geralmente são lembradas em brindes, mas a Adão:

Who ever talks about Adam at a banquet? All sorts of ephemeral celebrities are held up and glorified on such occasions, but who ever says a good word for Adam? Yet why is he neglected, why is he ignored in this offensive way - can you tell me that? What has he done, that we let banquet after banquet go on, and never give him a lift? Considering what we and the whole world owe to him, he ought to be in this list. (COLLECTED TALES, SKETCHES, SPEECHES & ESSAYS 1852-1890, 1992, p. 844-845).

Outra pista que cabe destacar nos vem de outra obra de Mark Twain: *The Innocents Abroad*. Nessa obra, escrita em 1869, portanto também várias décadas antes de efetivamente escrever o *Diary of Adam and Eve*, especificamente no capítulo 53, em que escreve sobre a visitação a uma capela grega que supostamente fora construída no centro do universo, Twain diz o seguinte: "[...] the feature of the place is a short column that rises from the middle of the marble pavement of the chapel and marks the exact center of the earth" (QUIRK, 1994, p.46). Esta informação é bastante reveladora, pois atesta ao fato de que a Mark Twain se emocionava com tudo que estivesse relacionado com Adão e o início da criação. Eis o que relata sobre a visita à tumba:

[...] under this very column was taken the dust from which Adam was made. [...] The Tomb of Adam! How touching it was, here in a land of strangers far away from home and friends and all who cared for me, thus to discover the grave of an ancient blood relation. The unerring instinct of nature thrilled its recognition. The fountain of my filial affection was stirred to its profoundest depths, and I gave way to tumultuous emotion. I leaned upon a pillar and burst into tears (QUIRK, 1994, p. 46).⁶

A carta à esposa, a petição escrita para o Congresso Americano, os manuscritos das histórias de teor bíblico, a passagem em *Innocents Abroad* sobre o lugar onde Adão foi feito e o discurso são textos e paratextos, à frente e ao lado, como diz de Biasi, que ajudam a iluminar o percurso do processo de criação do *Diary of Adam and Eve*. Eles demonstram que definitivamente o *Diary*, assim como as outras histórias bíblicas, não principiaram no momento em que o autor as pôs no papel. Twain vinha "ruminando" sobre esse assunto há muito tempo.

Mas de todas as pistas vindas do *posthumous box*, a mais importante para este estudo foi a descoberta da primeira versão, manuscrita, do *Adam's Diary* e do *Eve's Diary*. Essa descoberta é a peça do quebra-cabeça que faltava para

⁶ [...] under this very column was taken the dust from which Adam was made. [...] The Tomb of Adam! How touching it was, here in a land of strangers far away from home and friends and all who cared for me, thus to discover the grave of an ancient blood relation. The unerring instinct of nature thrilled its recognition. The fountain of my filial affection was stirred to its profoundest depths, and I gave way to tumultuous emotion. I leaned upon a pillar and burst into tears.

entendermos o que aconteceu com o manuscrito depois de pronto. Essa peça descreve o tortuoso percurso trilhado pelo manuscrito a partir do momento em que Mark Twain o submete à publicação e explica as discrepâncias entre versões dos diários que circulam no mercado literário atual, tanto em publicações domésticas quanto em edições traduzidas.

Sobre a publicação do manuscrito

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que o *Adam's Diary* e o *Eve's Diary* foram escritos e publicados em lugares e anos diversos, ao contrário do que concluimos ao ler as versões em língua inglesa e em outros idiomas disponíveis entre 1906 e 1995, período em que os dois diários aparecem como uma obra só, ou como contos inseridos em coletâneas com outros contos e histórias de Mark Twain. O manuscrito *Adam's Diary* (doravante VOA- versão original do *Adam's Diary*), segundo Baetzhold e McCoullough, foi escrito entre 1892 e 1893, durante uma longa estada da família na Villa Viviani, perto de Florença, Itália. Quando submetido à publicação, nos Estados Unidos, ainda em 1893, foi rejeitado.⁷ Mas finalmente, ainda em 1893, ele é publicado, mas não sem que Twain cedesse à pressão dos editores, que sugeriram que ambientasse o texto no Parque das Cataratas de Niágara, nos arredores da cidade de Buffalo, no estado de Nova Iorque. A recomendação do amigo e editor Underhill foi de o "[...] make it as Niagara Fallsy as possible" (BAETZHOLD E MCCULLOUGH, 1995, p. 6). Com as modificações feitas, o VOA foi transformado em uma espécie de *souvenir*, distribuído pela Secretaria de Turismo de Buffalo durante a Exposição Panamericana de Chicago, ainda naquele ano.

O *Eve's Diary* (doravante VOE- versão original do *Eve's Diary*), só veio a ser escrito em 1904, quando a família de Mark Twain está de volta aos Estados Unidos, em Dublin, New Hampshire, e é publicada em uma edição especial natalina, da

⁷ No livro *Mark Twain: Tales, Speeches, Essays, and Sketches* de Tom Quirk, temos uma possível explicação para isso. Quirk diz que o próprio Mark Twain tinha uma justificativa para essa rejeição, dizendo que as suas obras de temática bíblica possivelmente "eram consideradas muito chocantes para consumo do público" (MARK TWAIN apud QUIRK, 1994, p. xxv).⁷ Quirk diz, ainda, que Mark Twain, conformedo com a não publicação desse "material impactante", acabou vendendo uma vantagem em publicá-las postumamente, pois "adotando uma *persona* que falasse da tumba poderia falar com muito mais franqueza" (1994, p. xxv).⁷ Na obra *Who is Mark Twain by Mark Twain*, organizada por Robert Hirst, na introdução, ele confirma essa mesma ideia e cita uma obra de Twain chamada "*The privilege of the Grave*", escrita também na sua fase derradeira, em 1905, em que Twain desenvolve a tese de que "um homem morto 'tem um privilégio que não é exercido pelos vivos: o livre discurso'" (2009, xxii).

revista *Harper's Bazaar*, direcionada para o público feminino. Em 1906, a VOE ganha uma segunda edição, novamente pela *Harper and Brothers*, desta vez com ilustrações de Lester Ralph. Considerada um ataque à moral e aos bons costumes, essa segunda edição foi retirada de inúmeras bibliotecas.

Descontente com as modificações feitas no primeiro deles, a VOA, Mark Twain procura os editores para uma nova publicação do original, sem modificações, acompanhado da VOE. A *Harper* decide publicar as duas partes em conjunto em 1906, mas a despeito do desejo do autor, a editora utiliza a versão modificada, a versão Niágara, transformando-a em Parte I e a VOE em Parte II. É dessa edição conjunta - na versão Niágara - que as outras edições disponíveis no mercado foram calcadas- ela serviu, por assim dizer, de matriz. Nenhum editor, entre 1906 e 1995 teve acesso ao manuscrito - o original, somente à versão ambientada nas Cataratas de Niágara, por isso chamo-as também de edições derivadas.

Diferenças entre os manuscritos -VOA e VOE - e a versão Niágara

Com o manuscrito disponível e finalmente publicado, após a abertura da caixa póstuma, em 1995, nos é possível hoje estabelecer as semelhanças e diferenças entre as múltiplas versões existentes. Como parâmetro de comparação inicial, para estabelecer as diferenças entre as tantas "versões Niágara" existentes e as duas versões manuscritas (VOA e VOE), utilizamos a edição de 1995, da *Modern Mini Library* (Versão Niágara - VN).⁸ A VOA chama-se *Adam's Diary*, enquanto que na VN, a Parte 1, "escrita" por Adão chama-se *Extracts from Adam's Diary*. Ou seja, a VN apresenta fragmentos e não a versão completa. Outra diferença: na VOA Mark Twain abre o texto afirmando, logo após o título o texto é apenas "*translated from the original MS*". Na VN a Parte I - *Extracts from Adam's Diary* - não traz essa observação, o que leva o leitor a crer que a parte sobre Adão foi realmente inventada por Mark Twain e que apenas a Parte II - *Eve's Diary* - foi traduzida, pois nela está bem claramente observado que foi traduzida do original. Assim, na comparação entre a VOA e a VN essa distorção é desfeita.

Outra diferença é que na VOA, antes do primeiro registro no diário, aparece uma nota que não consta da VN. Essa nota tem o teor das usuais notas de tradutor. Aqui o autor, assumindo o papel de tradutor consciencioso, explica ao leitor o

⁸ Para uma descrição completa das diferenças, vide anexo 1 - Tabela comparativa entre VO e VN.

processo de produção da obra desde o momento em que encontra os supostos "hieróglifos" do Adão até decifrá-los, traduzi-los e submetê-los a um amigo. Mark Twain o faz por achar que "he [Adam] has now become sufficiently important as a public character to justify this publication - M.T" (VOA apud BAETZOLD E MCCULLOUGH, 1995, p. 8).

Na VOA, depois desta reveladora nota, iniciam-se as entradas. Elas são bastante semelhantes à Parte I da VN, exceto que é possível perceber que Mark Twain de fato não tinha as Cataratas de Niágara em mente quando concebeu e escreveu o original. A Parte I da VN descreve pormenorizadamente a região das cataratas seguindo as instruções do editor. A tônica da VOA residia em descrever a natureza das relações interpessoais de Adão e Eva, as primeiras tentativas comunicacionais de ambos e as diferenças de personalidade, seus desentendimentos, como também pequenos incidentes e a maneira como cada um deles se ocupava: ela nomeia as coisas, organiza o lugar e explora tudo com um olhar científico; ele, na maior parte do tempo, evita a parceira, constrói abrigos, ou fica deitado descansando; em apenas algumas ocasiões sai para caçar, na tentativa de encontrar mais um animalzinho da mesma espécie de um que por lá surgira enquanto estava fora. Na Parte I da VN percebe-se que houve a *inserção* de algumas entradas por dias da semana que não constam do original. Foram essas inserções que deixaram o a Parte I da VN , ou VOA - mais "*Niagara Fallsy*". Por outro lado, com a inserção de passagens mais descritivas, outras passagens tiveram de ser subtraídas, o que explica o porquê de a Parte I da VN ser renomeada e vir a ser identificada como "*Extracts of Adam's Diary*" - não se trata mais do diário de Adão original e sim de fragmentos.

A linguagem da Parte I da VN torna-se mais descritiva, mais informal e com um tom mais coloquial. Na VOA, a favorita de Twain, o humor reside nas passagens em que narra o relacionamento, os acontecimentos e as discórdias entre os dois primeiros habitantes da Terra e não na narração do entorno, do ambiente natural. Na VOA Mark Twain expõe mais diretamente o tom irônico de Adão quando comenta sobre a Eva, seus caprichos, suas manias, seu egocentrismo, sua pieguice e romantismo. Com a inserção das passagens descritivas a ironia twainiana, que ocorre principalmente na voz de Adão, fica mais dispersa e diluída. Talvez por isso Twain tenha insistido tanto em fazer com que a VOA fosse novamente publicada. Mas os editores da época, pensando mais em termos de vendagem e

comercialização, impuseram suas exigências. O fato de o desejo dos editores prevalecer sobre o desejo do autor reforça o que o modelo teórico contextual de José Lambert (1985) e, sobretudo, o de Lefevere (1992) preconizam: que o contexto e as condições de produção e distribuição de uma obra são tão ou mais importantes do que o produto acabado. Nesse sentido, a relação autor/leitor não é direta, mas intermediada por editores cuja motivação pode não ser sempre apenas literária.

Tendo conseguido entender as diferenças gerais entre a VOA e a Parte I da VN, ainda há que entender o porquê de existirem tantas versões derivadas da VN no mercado. A razão é simples: quando Mark Twain conseguiu que a Parte I da VN fosse publicada conjuntamente com a Parte II da VN, em 1906, ele fez um pedido, que usassem a versão original do Adão, a VOA. Mas Mark Twain foi ludibriado e a versão com as cataratas de pano de fundo foi novamente utilizada. A obra resultante dessa junção tornou-se conhecida como *Diary of Adam and Eve*.

Edições derivadas da versão Niágara

Atualmente, encontramos a versão Niágara em diversas edições, todas aparentemente derivadas da versão modificada inicialmente. A VN, usada na comparação acima, pertence ao grupo de versões derivadas e será usada como matriz para a comparação das versões traduzidas. Por sua vez, como será explicado, essas sofreram mais algumas interessantes modificações, fazendo com que estejam bastante distantes da VOA e VOE do *posthumous box*. Foram utilizadas na comparação com a VN, mais três versões (derivadas) em português e uma em italiano.

A primeira e mais gritante diferença entre as VOA e VOE e as versões que circulam no mercado atualmente refere-se ao gênero. Um diário, seja ele da procedência que for, é geralmente publicado sozinho, como uma obra completa, em formato de livro, e não acompanhada de outros diários, ou de textos pertencentes a outros gêneros. Para Mark Twain, que escreveu sobre Adão e Eva em forma de diário e que fez a sugestão de que os dois diários fossem publicados em conjunto, a obra é vista como um livro, um diário - tanto assim que a versão que saiu em 1906 é intitulada *Diary of Adam and Eve*. Nas versões derivadas, a maioria dos editores e ou tradutores classifica os dois diários como *contos* (também conhecidos como

short stories, histórias curtas ou noveletas). Nessas versões os dois diários não são publicados sozinhos, mas sempre em uma coletânea ou antologia de contos. Isso pode ser concluído pela opção de título das várias edições. Apenas em um caso, além da edição da *Modern Mini Library* os diários são publicados sozinhos. É o caso da edição da Logo-Minox, que em 1959 editou os dois diários em conjunto, sem outros textos, sob o nome *O Diário de Adão e Eva*. Na edição expedida pela Ediouro, sem menção de ano, com tradução de Araújo Nabuco, os diários de Adão e Eva são publicados em conjunto com outros contos e recebe o título *História de um inválido e outros contos*. O leitor desavisado, procurando por uma cópia dos diários de Adão e Eva se frustraria, pois não pensaria em procurá-los em uma coletânea de contos, muito menos sob outro título. Outra edição da Ediouro, expedida em 1974, é também em forma de coletânea, mas para chamar mais atenção aos diários, intitula a seleção *O Diário de Adão e Eva*, desta vez, sem que no subtítulo esteja afirmado que os diários vêm acompanhados de mais onze contos de Mark Twain.

Quanto ao conteúdo, como são todas edições derivadas da VN, a ambientação no Parque das Cataratas de Niágara levou também a modificações estilísticas, de linguagem, mais descritiva, que faz menção a marcos paisagísticos específicos, como as cataratas, as cavernas, os lagos, as piscinas naturais e as trilhas. E como essas paisagens têm de ser apresentadas de forma natural, porém bem humoradas e distinguir o diário de um simples panfleto turístico, às vezes, entediante pelas numerosas descrições, Mark Twain também torna a Eva em uma criatura mais estereotipada, conferindo-lhe traços típica e tradicionalmente femininos, com perfil organizacional, dinâmico e prático. Na Parte I da VN, Adão relata os primeiros dias como sendo de exploração do lugar, conferindo à Eva a tarefa de organizar o ambiente de modos que se torne um lugar organizado, tal qual uma reserva ambiental, um parque. Ela define o que se pode ou não fazer, colocando placas como "Não pise na grama" e placas como "Por aqui para a piscina de hidro", "Por aqui para a ilha das cabras", "Caverna dos ventos por aqui" e "Proibido pisar na grama". Ela dá ordens para que Adão faça isso e aquilo, tudo com o intuito de fazer com que a ambientação no parque ganhe mais evidência.

Diferenças entre os manuscritos (VOA e VOE), a versão Niágara (VN) e algumas versões traduzidas

Em traços gerais, podemos afirmar que as diferenças mais significativas podem ser encontradas entre as duas versões em inglês, ou seja, entre a VO, tornada pública pela primeira vez em 1995 por meio da obra *The Bible according to Mark Twain* e a VN, da *Modern Library Edition*, publicada pela *Random House*, também de 1995. As versões traduzidas, bem ou mal, coincidem em estrutura com a VN. A versão em português brasileiro editada pela Logos-Minox, de 1959, é idêntica em conteúdo com a VN, mas recebe outra organização, que não confere nem com a VO nem com a VN. Na VN a estrutura do livro é a seguinte:

Parte I – *Extracts from Adam's Diary* – da página 3 à página 24.

Parte II – *Eve's Diary* - da página 25 à página 44

– *Extracts from Adam's Diary* - da página 45 a 53

– *After the fall* – da página 53 à página 57

– *Forty years later* – da página 57 à 58.

Na edição da Logos-Minox (1959, sem menção de tradutor), na versão da Ediouro (sem menção de ano, com tradução de Araújo Nabuco) e na versão da Ediouro, na Coleção Elefante Branco (de 1974, com tradução de Carlos Heitor Cony) a estrutura, sem a divisão original em Parte I e Parte II, é a mesma, conforme vemos a seguir:

Prefácio de Adão – da página 7 à página 16.

O Diário de Eva – da página 17 à página 75

Depois da Queda – da página 76 à página 83

Quarenta Anos depois – da página 84 à página 85

No túmulo de Eva – final da página 85

Excertos do Diário de Adão – da página 87 à página 130

Note-se que o que era *Extracts from Adam's Diary* na VN ganha nome e lugar diferente nessas três versões: os *Extracts of Adam's Diary* viram "prefácio". O que se depreende desse fato é que as versões em língua portuguesa brasileira devem ter usado como *matriz* outra versão modificada, ou quem sabe, o editor da primeira versão, da Logos-Minox, tendo feito suas modificações na estrutura, tenha repassado ou revendido os direitos da tradução para a Ediouro, que por sua vez, sem voltar ao original ou sem contrastar essa versão com outras no mercado,

simplesmente replicou o formato herdado pela Logos-Minox. Nesse caso, os tradutores das novas versões, calcando-se na matriz modificada, receberam apenas a tarefa de revisar o texto, atualizar a ortografia e o léxico, quando necessário, sem submeter essa versão já vertida a uma comparação com outras edições em língua inglesa ou com versões traduzidas.

Curiosamente, na versão em língua italiana, encontrada na coleção *I Grandi Maestri, Mark Twain, L'età dell'oro e racconti*, editora Casini-Roma, de 1954, com tradução de Adriana Valori Piperno, a estrutura confere com a da VN em inglês da *Modern Mini Library*, exceto que não consta a divisão em Parte I e Parte II. A sequência dos subtítulos é a mesma: começa diretamente com o relato de Adão, sem o tal prefácio, que fora inventado para jogar o segundo segmentos de fragmentos para o início da narrativa.

Estratti dal Diario di Adamo – da página 593 à página 605

Il Diario di Eva – da página 606 à página 616

Estratto dal Diario di Adamo – da página 616 à página 620

Dopo la Caduta – da página 621 à página 622

Quarant'anni dopo – da página 622 à página 623

Sulla tomba di Eva – página 623

A versão italiana, embora seja também derivada da Niágara, apresenta uma estrutura diferente das brasileiras, ou seja, o editor dessa edição deve ter seguido alguma versão derivada sem submetê-la às modificações de ordem realizadas nas versões brasileiras, ou seja, sem transformar a segunda ocorrência de fragmentos de Adão em "prefácio".

Essas observações nos fazem suspeitar que, na verdade, no Brasil, se trata sempre na mesma editora, que foi modificando as coleções e inclusive o nome da Editora, mas que no fundo utilizaram sempre a mesma versão. Notou-se a semelhança entre o conteúdo e a semelhança na estrutura da versão da Logos-Minox e da versão de Ediouro, que pertence, na verdade, à Editora Technoprint. A única diferença entre as duas é que a de 1959 apresenta acentos que a reforma ortográfica de 1970 aboliu. E a versão da Coleção Elefante Branco, também da Editora Technoprint, que são apenas re-edições do mesmo texto, pois em uma não é mencionado o ano, e sim o tradutor, na outra, é mencionado o tradutor e não o ano, e na última delas, apenas o tradutor diferente e algumas sutilezas de cunho estilístico, sendo editora exatamente a mesma.

Considerações Finais

Estes dados nos fazem concluir que em sua maioria as editoras fora dos Estados Unidos também não tiveram acesso às VOA e VOE antes de 1995, quando Baetzhold e McCullough publicaram as versões da caixa póstuma. Todas seguem alguma versão derivada da versão Niágara inicial, de 1906. Todas versões estudadas são ambientadas no Parque das Cataratas de Niágara. As brasileiras, como fica patente, devem ter todas seguido uma matriz bem específica que foi sendo adaptada, modificada, a partir de apenas uma já versão modificada da primeira modificada - a VN.

Todas essas modificações da VOA e VOE que levaram à criação da VN e de muitas derivadas, têm repercussões muito significativas que talvez não coincidam com as previstas inicialmente pelo autor quando as concebeu. Sem dúvida nenhuma, a descoberta de todas essas diferenças entre versões, desde a original manuscrita e as derivadas da VN, abre uma nova perspectiva de interpretação da obra. No texto originalmente escrito por Twain as duas partes foram supostamente traduzidas por Twain; na VN, somente a parte II. Do ponto de vista de uma análise literária que privilegia o produto acabado, priorizada pelos formalistas russos e os estruturalistas, a análise levaria a interpretações literárias bem diferentes das que podemos realizar hoje sob a luz da crítica genética, que nos descortina informações que levam a composição de uma nova imagem do quebra-cabeça e, em consequência, às releituras dessa pequena grande obra. Dentre elas, as mais óbvias são: sem a possibilidade de realizar uma análise contrastiva entre a VOA e a VOE, estudiosos pensariam que desde a concepção o diário era um só, mas dividido em duas partes. Pensaria também que Mark Twain tivesse brincado com a ideia de levar o leitor a pensar que inventara o conteúdo do diário escrito por Adão, mas que apenas traduzira a parte referente ao diário de Eva. Pensaria que o autor teria criado um prefácio, como forma de introduzir o leitor á obra, distorção esta que ficou esclarecida. O estudioso, bem como o leitor, também seria levado a pensar, erroneamente, que Mark Twain sempre tivera em mente o pano de fundo das cataratas de Niágara, como se partira dessa ideia inicial ao começar a redigir os manuscritos. O leitor nem saberia que desde sua concepção até a produção da obra acaba ela teria sofrido tantos ajustes linguísticos, estilísticos e de estrutura, que por sua vez, levariam também a mudanças no perfil dos personagens.

A partir deste exemplo - em que com o auxílio da crítica genética podemos ampliar o âmbito de visão e de interpretação de uma obra - fica a lição de que muitas obras, acompanhadas de seus paratextos, podem proporcionar uma imagem mais ampla e compreensiva do fazer literário - mostrando que o percurso enfrentado por uma obra desde sua concepção até o momento em que chega às mãos do leitor, pode ser bastante mais curioso, complexo e iluminador.

REFERÊNCIAS

BAETZOLD, Howard G. e MCCULLOGH, Joseph B. *The Bible According to Mark Twain*. New York: Touchstone, 1995.

BIASI, Pierre Marc de. "A crítica genética". In Daniel Bergez et al. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 1-44.

HIRST, Robert. Editor. *Who is Mark Twain? By Mark Twain himself*. New York: Harper Collings Publishers, 2009.

PAINE, Albert Bigelow. *The Boy's Life of Mark Twain*. New York: Harper & Row Publishers, 1944.

PINO, Claudia A. e ZULAR, Roberto. *Escrever sobre Escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PRINCE, April Jones. *Who was Mark Twain?* New York: Grosset & Dunlap, 2004.

QUIRK, Tom. *Mark Twain: Tales, Speeches, Essays, and Sketches*. New York: Penguin Classics, 1994.

TWAIN, Mark. *Diary of Adam and Eve*. New York: Random House, 1996.

TWAIN, Mark. *História de um Inválido e outros contos*. São Paulo: Ediouro, [s.d.].

TWAIN, Mark. *Collected Tales, Sketches, Speeches & Essays 1852-1890*. New York: The Library of America, 1992, p. 844-845.